



Recebido em: 05/10/2022

Aprovado em: 12/12/2022

Publicado em: 30/12/2022

A RELAÇÃO ENTRE O MÉTODO TERAPÊUTICO DE NISE DA SILVEIRA E A FENOMENOLOGIA DA VIDA DE MICHEL HENRY

THE RELATION BETWEEN NISE DA SILVEIRA'S THERAPEUTIC METHOD AND MICHEL HENRY'S PHENOMENOLOGY OF LIFE

LA RILATO INTER LA TERAPEUTICA METODO DE NISE DA SILVEIRA KAJ LA FENOMENOLOGIO DE LA VIVO DE MICHEL HENRY

Piero Disconzi⁴⁸

Resumo

O presente trabalho visa apresentar a relação do método terapêutico da médica e psiquiatra Nise da Silveira (1905-1999) com a Fenomenologia da Vida do filósofo e fenomenólogo Michel Henry (1922-2002). Nise da Silveira revolucionou o tratamento psiquiátrico de sua época indo contra a psiquiatria tradicional e desenvolvendo um método revolucionário para o tratamento de pacientes esquizofrênicos, constituído através da arte, da cultura e, sobretudo, do que ela chama de afeto catalisador. Como método investigativo deste trabalho, a relação entre o afeto catalisador, de Nise da Silveira, e a afetividade originária, de Michel Henry, é desenvolvida através das obras “Imagens do Inconsciente” (1981), de Nise, bem como “A Barbárie” (1987), “Encarnação: por uma filosofia da carne” (2013) e “Filosofia e Fenomenologia do corpo: ensaio sobre a ontologia biraniana” (2012) de Henry. O filósofo, assim como Nise que buscou uma terapia mais afetiva, em sua filosofia busca refletir sobre aquilo que foi deixado de lado pela filosofia clássica e pela fenomenologia tradicional: a vida tal qual como ela é. As teorias/abordagens de ambos autores buscam, de certa maneira, apontar para aquilo que a ciência e a racionalidade não conseguem penetrar: a carne afetiva da invisibilidade da vida na sua subjetividade absoluta. Diante disso, através do estabelecimento da relação do método de Nise à Fenomenologia da Vida de Henry, este trabalho visa realizar uma releitura fenomenológica da teoria das imagens.

Palavras-chave: Afetividade. Vida. Subjetividade. Filosofia.

Abstract

This paper aims to present the relationship between the therapeutic method of the physician and psychiatrist Nise da Silveira (1905-1999), and the Phenomenology of

⁴⁸ Graduando do curso de Filosofia (Bacharelado) na Universidade Federal de Santa Maria - Rio Grande do Sul. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7301-0304> / E-mail: pierodisconzi1@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8762088284111796>



Life of the philosopher and phenomenologist Michel Henry (1922-2002). Nise da Silveira revolutionized the psychiatric treatment of her the time by going against traditional psychiatry and developing her revolutionary method for treating schizophrenic patients. The method is constituted through art, culture, and above all through what she calls catalyzing affect. The investigative method used on the present work was articulated through the relation between the catalyzing affect in Nise da Silveira and Michel Henry's original affectivity, especially through "Imagens do Inconsciente" (1981) and Henry's "Barbarism" (1987), "Incarnation: for a philosophy of the flesh" (2013) and "Philosophy and Phenomenology of the body: essay on Buranian ontology" (2012). For just as Nise sought a more affective therapy, Henry in his philosophy seeks to reflect on that which was left aside by classical philosophy and traditional phenomenology: life as it is. The theories/approaches of both authors seek in a way to point to what science and rationality cannot penetrate: the affective flesh of the invisibility of life in its absolute subjectivity. In this way, while relating Nise's method and Henry's Phenomenology of Life, the paper aims at a phenomenological re-reading of the theory of images.

Keywords: Affectivity. Life. Subjectivity. Philosophy.

Resumo

La nuna verko celas prezenti la rilaton inter la terapia metodo de la kuracisto kaj psikiatro Nise da Silveira (1905-1999) kaj la Fenomenologio de la Vivo de la filozofo kaj fenomenologo Michel Henry (1922-2002). Nise da Silveira revoluciigis la psikiatrian traktadon de sia tempo, irante kontraŭ la tradicia psikiatrio kaj evoluigante revolucionan metodon por la kuracado de skizofreniaj pacientoj, konsistigitan per arto, kulturo kaj, ĉefe, tio, kion ŝi nomas kataliza korinklino. Kiel enketmetodo de ĉi tiu laboro, la rilato inter la kataliza afekcio, de Nise da Silveira, kaj la origina afektiveco, de Michel Henry, estas disvolvita per la verkoj "Imagens do Inconsciente" (1981), de Nise, same kiel "A Barbarie" (1987), "Enkarniĝo: direkte al filozofio de la karno" (2013) kaj "Filozofio kaj Fenomenologio de la korpo: eseo pri biraniana ontologio" (2012) de Henry. La filozofo, kiel Nise, kiu serĉis pli afekciajn terapion, en sia filozofio serĉas pripensi tion, kio estis flankenlasita de klasika filozofio kaj tradicia fenomenologio: la vivo tia, kia ĝi estas. La teorioj/aliroj de ambaŭ aŭtoroj celas, iel, montri al tio, kion scienco kaj racio ne povas penetri: la afekciajn karnon de la nevidebleco de la vivo en ĝia absoluta subjektiveco. Tial, per establado de la rilato inter la metodo de Nise kaj Fenomenologio de la Vivo de Henriko, ĉi tiu laboro celas efektivigi fenomenologian relegadon de la teorio de bildoj.

Ŝlosilvortoj: Afekteco. Vivo. Subjektiveco. Filozofio.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nise da Silveira, nascida na cidade de Maceió, no Estado de Alagoas, Brasil, em 1905, e graduada em medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia (UFBA), foi uma importante psiquiatra para a sua época, sendo ainda muito influente na terapia ocupacional dos dias de hoje. Silveira tem como foco de seus trabalhos a proposta de um novo método para atender pacientes psiquiátricos, contrariando os métodos da



psiquiatria tradicional da época. Seu método será desenvolvido no decorrer do presente texto, ao passo em que será articulado à Fenomenologia da Vida do filósofo Michel Henry. Essa articulação é estruturada, primeiramente, na contextualização do método de Nise e da fenomenologia de Henry. Em um segundo momento, é explorado como o método de Nise se relaciona com a arte e de que modo essa relação é próxima à teoria de Henry. No terceiro momento do texto o foco da análise é no conceito niseano de afeto catalisador e sua articulação com a afetividade henryana. Por último, é esboçado alguns direcionamentos de como pensar uma Ética da Vida na teoria de Nise, a partir da análise fenomenológica.

O trabalho de Silveira volta-se para a psiquiatria e para a terapia ocupacional com o intuito de realizar uma reforma no tratamento psiquiátrico da época e denuncia os métodos tradicionais utilizados nos pacientes, como a lobotomia e os eletrochoques pois, para ela, “esses tratamentos eram agressivos e ineficazes” (MAGALDI, 2018, p. 69). Com isso, Nise da Silveira criou um método totalmente diferente, baseado na expressão artística, com o objetivo de possibilitar o devido acesso a seus pacientes. Ela concebia que dentre as “diversas atividades praticadas na terapêutica ocupacional, aquelas que permitem menos difícil acesso aos enigmáticos fenômenos internos eram desenho, pintura, modelagem, feitos livremente” (SILVEIRA, 1981, p. 11).

Nesse contexto, este trabalho consiste em realizar uma relação do método de Nise da Silveira com a Fenomenologia da Vida do filósofo e fenomenólogo Michel Henry. Em tal relação, aqueles fenômenos internos descritos por Silveira podem ser entendidos, no escopo henryano, como a própria subjetividade dos pacientes, em que é possível ter-se acesso através da arte. A subjetividade, para Henry, é a região ontológica que pertence o corpo de um Si⁴⁹. Desse modo, o acesso à arte se dá porque é preciso “tomar consciência das únicas condições que nos permitirão explicar a existência de um corpo situado seguramente no centro da realidade humana: **um corpo que é um Eu**” (HENRY, 2012, p. 18, grifo do autor).

Para realizar esta releitura e relação do método de Nise com a Fenomenologia de Henry, a obra “Imagens do Inconsciente” (1981) servirá como fio condutor neste trabalho. Em seu livro, Nise da Silveira introduz seu trabalho através de seu *atelier* de

⁴⁹ Em algumas obras, Michel Henry utiliza Si e Ego, e ambos, para o filósofo, expressam o mesmo significado.



pintura⁵⁰, um espaço onde era fornecido aos seus pacientes a liberdade para desenhar e pintar espontaneamente. Para ela,

Era surpreendente verificar a existência de uma pulsão configuradora de imagens sobrevivendo mesmo quando a personalidade estava desagregada. Apesar de nunca haverem pintado antes da doença, muitos dos frequentadores do atelier, todos esquizofrênicos, manifestavam intensa exaltação da criatividade imaginária, que resultava na produção de pinturas em número incrivelmente abundante, num contraste com a atividade reduzida de seus autores fora do atelier, quando não tinham mais nas mãos seus pincéis (SILVEIRA, 1981, p. 13).

Essa manifestação de intensa exaltação da criatividade imaginária de seus pacientes, sobretudo através da arte, seria, de acordo com Michel Henry, a **vida** e a **cultura**. Isso porque, segundo ele, a cultura “é uma cultura da vida em seu duplo sentido, porque a vida constitui ao mesmo tempo o sujeito dessa cultura e seu objeto” (HENRY, 2012, p. 24). A cultura, então, se manifesta através da vida e, com os pacientes de Nise, evidencia-se que ela é uma autotransformação da vida, no sentido de ser um movimento da própria vida. Mesmo que estes pacientes não tivessem familiaridade com o tipo de expressão artística proposta pelo método de Nise, a cultura já está engendrada na vida subjetiva de cada um. Logo, a cultura é um movimento da vida.

Em contrapartida ao método das imagens (como ela denomina em sua obra), Nise aponta uma dura resistência de psiquiatras no mundo inteiro em relação ao seu método. Essa resistência consiste em reduzir as manifestações artísticas de seus pacientes meramente em “arte psicótica, arte psicopatológica, arraigados a conceitos pré-formados da psiquiatria, insistentes em procurar nessas pinturas somente reflexos de sintomas e de ruína psíquica” (SILVEIRA, 1981, p. 14). Segundo ela, há uma forte influência cartesiana na questão do dualismo mente-corpo nessa redução por parte dos psiquiatras, e da própria psiquiatria tradicional como um todo. O corpo seria uma

⁵⁰ O *atelier* de pintura, inicialmente, era apenas um setor de atividade entre vários outros setores da Terapêutica Ocupacional, que estava sob a responsabilidade de Nise da Silveira, no Centro Psiquiátrico Pedro II. No entanto, de acordo com ela, desenho e pintura se tornaram de tão grande interesse científico e artístico que esse *atelier* adquiriu uma posição especial (SILVEIRA, 1981, p. 13).



máquina e as doenças resultariam de “perturbações em seu funcionamento” (MAGALDI, 2018, p. 69).

A mesma resistência dos psiquiatras que partilham dos métodos tradicionais de compreensão do humano – diferentes da técnica proposta por Nise – foi denunciada por Michel Henry. Em “A Barbárie” (1987), por exemplo, o filósofo distingue a Cultura e a Barbárie propriamente ditas, em que a segunda precede a primeira (HENRY, 2012). Essa barbárie é a consequência – ou herança – da ciência moderna distinguindo o saber Científico do saber da Vida. Para Michel Henry (2012, p. 24): “a barbárie, diz Joseph de Maistre, é uma ruína, não um rudimento”. Neste primeiro momento, então, nota-se a proximidade do método de Nise da Silveira com a Fenomenologia da Vida de Michel Henry.

A SUBJETIVIDADE NA ARTE

Nise da Silveira e Michel Henry nunca dialogaram, muito embora ambos tenham se aproximado do artista plástico e introdutor da pintura abstrata Kandinsky⁵¹. Contudo, a proximidade de ambos pode ser articulada, também, ao relacionar a crítica de Henry acerca do distanciamento do saber Científico do saber da Vida. Como mencionado na seção anterior, o método de Nise se configura em uma alternativa aos métodos tradicionais sobre os quais Henry tece sua crítica. A seguir, será desenvolvido mais minuciosamente como o método das imagens atua na compreensão das condições psiquiátricas através de uma aproximação dos dois modos de aparecer de Henry, mostrando, assim, as semelhanças entre ambas teorias.

O movimento que emerge com o artista Kandinsky, e que influencia tanto Nise quanto Henry, é o de expressar algo fora do âmbito real e objetivo, visto que “suas pinturas retratavam a interioridade da vida, sem que fossem cópias dos objetos existentes do mundo” (PAGNUSSAT; MASLOWSKI, 2022, p. 184). De modo semelhante, o método de Nise da Silveira busca expressar o invisível através da pintura dos pacientes. Logo, o “uso das imagens constitui, nesse sentido, um recurso

⁵¹ “Kandinsky é o inventor da pintura abstrata, que derrubou as concepções tradicionais da representação estética e definiu nessa área uma nova era: a da modernidade. Para Tinguely, ele foi o “Desbravador”, o “Superpioneiro”. Compreender a pintura de Kandinsky é compreender essa arte tão nova, tão insólita que inicialmente só suscitou zombarias, quando não fúria e cuspes” (HENRY, 2012, p. 1).



privilegiado de acesso ao que é chamado de “mundo interno” de seus pacientes” (MADDI, 2021, p. 91). Em uma leitura henryana, o “mundo interno” a que Nise da Silveira se refere seria o impenetrável, a vida invisível pertencente a “uma região ontológica radicalmente diferente, que é a da subjetividade absoluta” (HENRY, 2012, p. 17).

Os pacientes de Nise da Silveira manifestavam, através da arte, aquilo que nenhuma ciência ou racionalidade podia acessar, algo que Michel Henry revela através da Fenomenologia da Vida como sendo o *pathos*, isto é, a essência constituinte da vida de cada vivente. *Pathos*, para o filósofo francês, significa Autoafecção, uma afetividade originária, que “é a essência fenomenológica da vida, a carne impressional em que o ver da intencionalidade não tem lugar – neste sentido, [a afetividade] é o não-intencional puro” (HENRY, 2006, p. 13). Assim, se para a fenomenologia de Husserl é necessário uma redução fenomenológica, operada dentro da intencionalidade da consciência, a fim de se conhecer o fenômeno em sua pureza, o que Henry busca chamar a atenção é justamente para o originário que está na intencionalidade, mas que Husserl não quisera se aprofundar. É o que, em termos henryanos, é chamado de contra-redução, que não se trata de nada estático ou objetivo no mundo na manifestação da Vida, mas é a própria fenomenalidade da Vida que reside e se manifesta em uma subjetividade originária. É o movimento inverso àquele proposto por Husserl, uma vez que, para Henry, a Vida se manifesta nesta interioridade absoluta.

Nesse sentido, em seu livro “Imagens do Inconsciente” (1981), Nise da Silveira evidencia outros aspectos de vivência do espaço, afirmando que “Nós vivemos entre dois mundos, ou seja, entre dois sistemas de percepção totalmente diferentes: percepção de coisas externas, por meio dos sentidos, e percepção de coisas internas, por meio das imagens do inconsciente” (SILVEIRA, 1981, p. 36). A percepção de coisas externas e internas de Silveira se assemelha aos dois **modos de aparecer** que Michel Henry descreve em sua obra “Ver o invisível: sobre Kandinsky” (2012), na qual retoma a produção do artista como elemento de uma descrição filosófica. Entre o exterior e o interior, Henry descreve que vivemos nosso corpo de dois modos.

Pois, de um lado, vivo interiormente esse corpo, coincidindo com ele e com o exercício de cada um de seus poderes: eu vejo, ouço, cheiro, movo mãos e



olhos, tenho fome, frio, de tal modo que *eu sou esse ver*, esse ouvir, esse cheirar, esse movimento, essa fome, que eu me precipito inteiro em sua pura subjetividade, a ponto de não poder me diferenciar deles - fome, sofrimento, etc- em nada. De outro lado, e ao mesmo tempo, eu vivo exteriormente esse mesmo corpo por ser capaz de vê-lo, tocá-lo, representá-lo a mim mesmo como objeto, realidade exterior próxima aos outros objetos (HENRY, 2012, p. 13-14).

Nota-se, então, que através da arte abstrata se dá o "acesso" à vida invisível dos pacientes esquizofrênicos e, desse modo, a sua afetividade é "vista". Nenhuma ciência e nenhuma racionalidade são capazes de fornecer esse acesso, nem mesmo a psicologia analítica racional. Isso porque, segundo Nise da Silveira, há muitos livros sobre teoria da esquizofrenia, “mas esse diagnóstico não mostra que a pessoa é esquizofrênica. Esse diagnóstico é dado pelas vistas dos psiquiatras. E o que a pessoa sente na esquizofrenia não é decifrado porque não se pode decifrar o espírito” (SILVEIRA, 1981, p. 80), de modo que, no entendimento de Nise da Silveira, é impossível compreender um paciente esquizofrênico através de um método voltado ao exterior.

O “espírito”, que a psiquiatra se refere, pode ser entendido, na concepção de Henry, como a própria vida, a vida invisível. E, para falar dessa vida invisível é somente através da Imanência. Ambas – vida e imanência – estão constituídas na essência da **Afetividade Originária** porque essa afetividade é “estranha ao mundo e ao seu ‘fora de si’, enquanto estranha e inextática, a Vida é invisível” (HENRY, 2014, p. 38, grifo do autor).

O AFETO CATALISADOR E A AFETIVIDADE DE MICHEL HENRY

Ao tornar visível as percepções das coisas internas e possibilitar o acesso à afetividade dos pacientes, Nise fornece um forte argumento contra a psiquiatria tradicional que faz diagnósticos a partir de métodos voltados ao exterior. Esse argumento, como demonstrado na seção anterior, relaciona-se ao conceito henryano de vida invisível. Nessa seção, será exposta a aproximação do conceito de afeto catalisador de Nise com a afetividade de Henry.

O método de Nise da Silveira não se limita somente no *atelier* de pintura, na arte e na cultura para o tratamento de seus pacientes, mas também é constituído na afetividade. Ela afirma que “Qualquer um poderá observar que as tentativas de



ordenação interna, bem como as simultâneas tentativas de volta ao mundo externo, tornam-se mais firmes e duradouras se no ambiente onde vive o doente ele encontra o suporte do afeto” (SILVEIRA, 1981, p. 66). Ou seja, em um ambiente que tenha o suporte do afeto, aumentam-se as possibilidades de manifestação da subjetividade dos pacientes, não só como na psiquiatria tradicional, em que tudo depende de uma técnica, mas também evidenciando “a pessoa humana de cada um, a sensibilidade, a intuição, [que] são qualidades preciosas” (SILVEIRA, 1981, p. 67).

Na abordagem proposta por Nise da Silveira, esse suporte afetivo com os pacientes é constituído através dos terapeutas ocupacionais, para além de sua função, como uma pessoa com sua própria vida subjetiva que é constituída na essência da afetividade. Ao embasar seu método na afetividade, Nise volta a apontar a deficiência de tratamentos psiquiátricos que se voltam somente para o racional: “repetidas observações demonstraram que dificilmente qualquer tratamento será eficaz se o doente não tiver a seu lado alguém que represente um ponto de apoio sobre o qual ele faça investimento afetivo” (SILVEIRA, 1981, p. 68).

Desse modo, o terapeuta ocupacional, segundo Nise da Silveira, seria um **catalisador afetivo** para os pacientes, pois “quanto mais grave a condição esquizofrênica, maior será a necessidade que tem o indivíduo de encontrar um ponto de referência e apoio. Tanto melhor se esta primeira forma de contato for se tornando uma relação de amizade” (SILVEIRA, 1981, p. 68). O catalisador afetivo e a relação de amizade, para Michel Henry, é algo que está engendrado em sua fenomenologia da Vida, destacado em sua obra “Encarnação: por uma filosofia da carne” (2013). A partir da análise fenomenológica, então, a relação afetiva entre o terapeuta ocupacional e o paciente só é possível através da Vida absoluta.

É porque essa vinda da Vida absoluta é identicamente sua vinda na Ipseidade do Primeiro Si que toda carne é, identicamente, a de um Si finito com ela. **Portanto, nunca é deste que é preciso partir, muito menos de um eu ou de um ego concebido como ponto de partida, como ponto-fonte da intencionalidade.** A inevitável referência da fenomenologia da carne à fenomenologia da Encarnação nos põe diante desta evidência: **toda relação de um Si com outro Si requer como ponto de partida não esse próprio Si, um eu - o meu ou o do outro -, mas sua comum possibilidade transcendental, que não é outra senão a possibilidade de sua própria relação: a Vida absoluta** (HENRY, 2014, p. 354, grifos do autor).



A experiência do outro ou uma intersubjetividade na Fenomenologia da Vida de Michel Henry se realiza, portanto, através da única condição possível que faz um eu ou outro eu estarmos no mundo: através da Vida absoluta. Viemos dessa Vida absoluta e, engendrados nessa vida absoluta, cada ego possui suas particularidades, suas tonalidades afetivas na *ipseidade* de Si. Isto é, realizando uma releitura do afeto catalisador, como descrito por Silveira, a relação de amizade entre terapeuta e paciente efetua-se neles, mas, antes deles, pertencem à Vida em si mesma, constituída na afetividade originária.

A relação dos Sis transcendentais viventes está neles antes deles, em sua possibilidade transcendental precisamente, no processo da vida absoluta em que eles vêm a si e em que permanecem enquanto estão vivos. É porque são viventes numa única e mesma Vida, Sis na Ipseidade de um único e mesmo Si, que eles estão e podem estar uns com os outros nesse “estar-com” que os precede sempre, que é a Vida absoluta em sua Ipseidade originária (HENRY, 2014, p. 355).

Frente a toda objetividade da ciência, da racionalização e da técnica, o método de Nise da Silveira, baseado na afetividade, quando relacionado com a Fenomenologia da Vida de Michel Henry, leva-nos a pensar em um tratamento com um Si, um ego, para além da linguagem e da análise, mas, sobretudo, na vida em si mesma, em que a cultura é “cultura da vida e repousa sobre o saber próprio desta última, ela é essencialmente prática. Consiste no autodesenvolvimento das potencialidades subjetivas que compõem esta vida” (HENRY, 2012, p. 45). Tanto os pacientes esquizofrênicos quanto os terapeutas ocupacionais são viventes que pertencem a uma comunidade, e essa é constituída por outros viventes.

É através da articulação da ideia de uma comunidade de viventes que podemos pensar também em uma **ética da vida** dos pacientes esquizofrênicos. Ética da vida no sentido de preservar as virtualidades de cada paciente, através da cultura e da arte, como foi visto, longe de tratamentos que são constituídos somente pela técnica e objetivação do paciente e que, ao analisar um sujeito, observam somente o sintoma e não o indivíduo. É preciso, desse modo, seguindo nossa leitura conjunta de Henry e de Silveira, evidenciar a vida desses pacientes e levar em conta a sua *Ipseidade*, sua autoafecção, a subjetividade e como ela se manifesta de maneiras diferentes.



UM ESBOÇO PARA PENSAR UMA ÉTICA DA VIDA NO PENSAMENTO NISEANO ATRAVÉS DE MICHEL HENRY

A partir das relações entre a afetividade henryana e o conceito de afeto catalisador de Nise, é possível começar a pensar em uma ética da vida aplicada a pacientes esquizofrênicos. Não há nada de explícito sobre uma ética no projeto henryano de uma fenomenologia da vida. Porém, se observarmos o que foi descrito nesta releitura, através de uma análise fenomenológica, implicitamente há um visar ético na Fenomenologia da Vida.

É possível, então, pensar em uma ética longe de normativas e da objetividade da ciência, uma ética no interior da vida em si mesma, no seu íntimo. Além disso,

[...] Michel Henry esclarece que a essência originária do agir é o movimento ininterrupto da Vida, por isso compõe-se como uma ética interior envolvida em seu próprio mandamento e não tem sentido fora de si, o lugar do agir é a vida, que direciona o viver. Entretanto, ao considerar isso é formular consequências decisivas em que o vínculo ético torna-se de certa maneira estranho ao campo da ciência, que não dita as regras do que devemos fazer (PRASERES, 2014, p. 255).

Em certo sentido, uma ética da vida, em Michel Henry, também é possível no pensamento niseano. Especialmente a partir de todo o cuidado que Nise da Silveira teve com seus pacientes, sem agressões e, sobretudo, tentando ao máximo amenizar a técnica, assim como através da arte, para entender o sofrimento invisível com o doente portador da esquizofrenia, no interior da vida em si mesma. Este cuidado, este tratamento que Silveira tanto quanto os terapeutas ocupacionais têm, este “penetrar no invisível da vida” dos pacientes, dentro de uma ética da vida, também pode ser entendido como uma profunda experiência de comunhão no sentido henryano. De acordo com Raphael Gély, em seu texto “Sofrimento e atenção social à vida: elementos para uma fenomenologia radical do cuidado” (2014, p. 107-136), vemos que

A capacidade de cuidar com inventividade, de modo ajustado à singularidade radical do vivido de outrem, repousa, neste sentido, no poder que o indivíduo que cuida tem de deixar cada um dos seus vividos aderir interiormente a si, incluindo as mais duras vivências, aquelas que quereríamos largar de imediato, afastar para longe, não às viver como vivências em que a vida se continua a escolher. Mas precisamente é enfrentando a violência de um tal

**IΦ-Sophia**Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

padecer, ao deixá-lo unir-se ao próprio movimento da gênese da vida que se libertam as forças da vida, tanto as do indivíduo que cuida como as daquele que é cuidado (GÉLY apud ANTÚNEZ, 2014, p. 130).

Percebe-se, diante disso, uma abertura para uma ética da vida no pensamento niseano, a sua inventividade para lidar com o doente, penetrando-se no invisível da vida e do *Phatos* constituinte de cada vivente. Seja no cuidado através da arte, da cultura ou da carga afetiva dos terapeutas ocupacionais com os pacientes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se o quanto foi revolucionário o método terapêutico de Nise da Silveira para um tratamento mais humanizado com os pacientes, preservando suas virtualidades e suas particularidades. Um tratamento baseado na afetividade, sem violências e sem objetivar as dores e os sofrimentos de cada um. Nesse viés, a fim de enriquecer ainda mais o pensamento niseano, a filosofia de Michel Henry é articulada ao pensamento de Siveira, a fim de contribuir para uma explicação filosófica de seu método

Essa relação se dá porque Henry, um dos fenomenólogos mais tardios da geração da fenomenologia francesa, reflete e faz uma fenomenologia voltada para a Vida tal qual como ela é, sem objetivações, longe da violência da técnica, restaurando a subjetividade no sentido fenomenológico imanente. Por fim, além desta relação apresentada da terapia niseana com a fenomenologia de Henry, espera-se que seu pensamento traga contribuições para a área de Terapia Ocupacional, em que Nise da Silveira é estudada e considerada referência, bem como para estudos voltados à subjetividade.

REFERÊNCIAS

ANTÚNEZ, A. E. A. et al. **Fenomenologia da Vida de Michel Henry**: interlocução entre filosofia e psicologia. São Paulo: Escuta, 2014.

GÉLY, R. Sofrimento e atenção social à vida: elementos para uma fenomenologia radical do cuidado. In: ANTÚNEZ, A. E. A. et al. **Fenomenologia da Vida de Michel Henry**: interlocução entre filosofia e psicologia. São Paulo: Escuta, 2014, p. 107-136.

HENRY, M. **A barbárie** / Michel Henry; tradução Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: É Realizações, 2012.

**IΦ-Sophia**Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

HENRY, M. 1922-2002. **Encarnação**: uma filosofia da carne / Michel Henry; tradução Carlos Nougué. São Paulo: É Realizações, 2013.

HENRY, M. 1922-2002. **Filosofia e fenomenologia do corpo**: ensaio sobre a ontologia Biraniana / Michel Henry; tradução Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: É Realizações, 2012.

HENRY, M. 1922-2002. **Ver o invisível**: sobre Kandinsky / Michel Henry; tradução Marcelo Rouanet. São Paulo: É Realizações, 2012.

HENRY, M. 1922-2002. **Fenomenologia não-intencional**: tarefa para uma fenomenologia futura. Disponível em:
http://www.lusosofia.net/textos/michel_henry_fenomenologia_ao_intencional.pdf.
Acesso em: 14 ago. 2022.

MAGALDI, F. S. “A psique ao encontro da matéria: corpo e pessoa no projeto médico-científico de Nise da Silveira”. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos** [online], v. 25, n. 1, pp. 69-88, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702018000100005>. Acesso em: 15 ago. 2022.

PAGNUSSAT, J.; MASLOWSKI, A. A. “Fenomenologia e Arte”. **Eleutheria - Revista Do Curso De Filosofia Da UFMS**, 7(12), 183 – 194, 2022. Disponível em:
<https://periodicos.ufms.br/index.php/reveleu/article/view/14665>. Acesso em: 16 ago. 2022.

PRASERES, J. S. “A fenomenologia da vida: apontamentos sobre afetividade e não-intencionalidade para a fundamentação de uma ética no pensamento de Michel Henry”. **Griot – Revista de Filosofia**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 242–259, 2014. Disponível em:
<https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/607>. Acesso em: 24 set. 2022. Acesso em: 10 ago. 2022.

SILVEIRA, N. **Imagens do inconsciente**. Rio de Janeiro, RJ: Alhambra, 1981.